

Editorial

Ainda é cedo para se tentar uma visão integrada acerca da trajetória da Revista *Em Tempo de Histórias*. Não obstante, no momento em que oferece sua décima edição, deve-se sublinhar a experiência de renovação por meio da qual a Revista se reestrutura. Há pouco mais de um ano, sob a batuta de um novo grupo de editores, ela ganhou mais um número, um regimento interno e uma *home page* revitalizada.

Com a missão de trazer ao público as contribuições de jovens historiadores, *Em Tempo de Histórias* ampliou seu Conselho Consultivo, isto é, um número maior de professores e professoras de relevantes universidades no cenário nacional passou a colaborar, generosamente, com suas competências. O próprio Conselho Editorial constitui um corpo vivo: a cada reunião outros colegas do Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Brasília apresentam-se no intuito de somar forças, integrando-se à labuta das edições. Aos poucos vamos todos, editores, leitores, autores e conselheiros, aprendendo a conceber a revista do jeito que ela deve ser: aberta ao pensamento crítico e à prática coletiva.

Os artigos deste número revelam a tendência para a reflexão a respeito do trabalho, ao mesmo tempo metódico e criativo, do historiador. É assim nos artigos de Márcia Santos, Bárbara Velasco, Tiago Araújo e Daniele Rosa. Esses autores chamam nossa atenção a diferentes meios ou linguagens que utilizam como fontes, cartazes, filmes, cartas ou prosa literária para a análise das situações e conflitos em que cada uma delas emerge como representação.

Márcia Santos apresenta-nos um trabalho que se pergunta como relações políticas, mercadológicas e estéticas afetaram a produção cinematográfica brasileira, dos anos 90, da memória histórica do regime militar. Bárbara Velasco, por sua vez, trabalhou com elementos iconográficos no intuito de responder como a cultura e o regime nazistas representaram o trabalho e os trabalhadores alemães, dando-lhes sustentação política e estética.

Tiago Gomes de Araújo analisa, por meio da correspondência de Custódio de Mello à sua noiva Januária, como as práticas e representações diárias de um capitão presente na Guerra do Paraguai geraram sentimentos de pertencimento à Nação não apenas diferentes daqueles pretendidos pelo governo de então, mas, em certo sentido, opostos. A partir de suas fontes, o texto de Araújo penetra na história do cotidiano do conflito, ensejando uma perspectiva que dê voz àqueles “intencionalmente emudecidos”, segundo expressão do autor.

Daniele dos Santos Rosa, ao considerar a Literatura como fonte representativa privilegiada do relato histórico, busca analisar as relações sociais estabelecidas na sociedade

brasileira do século XIX e como suas representações contribuíram para a formação da identidade nacional. Assim, em seu artigo, Rosa faz uma análise crítica dos romances *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, *Senhora*, de José de Alencar, e *A Mão e a Luva*, de Machado de Assis, sob a perspectiva da História Cultural.

Maria Pereira e Pedro Ferrari debruçaram-se sobre questões da memória, embora de pontos de vista diferentes. Pereira adota como objeto o Arquivo do Distrito Federal para confeccionar, a partir dele, um painel da produção de acervos e o modo como sua sistematização afeta o trabalho do historiador. Ferrari, por seu turno, explorou os registros de seu avô, terceiro sargento da Força Expedicionária Brasileira em campanha durante a Segunda Guerra Mundial, para nos apresentar uma engenharia narrativa e metodológica no trato da história pela ótica da micro-histórica.

Além dos textos supracitados, o leitor ainda vai encontrar neste número o debate sobre as construções de gênero e suas implicações nos artigos de Augusto Mattos e Layla Carvalho e na resenha de Fabrícia Pimenta. Mattos investiga os momentos em que a Princesa Isabel assumiu o governo brasileiro nos últimos anos da monarquia e os discursos que problematizaram o fato das decisões políticas a serem tomadas por uma mulher. Já o trabalho de Carvalho faz uma análise das obras *Casa Grande & Senzala* e *Sobrados e Mocambos*, com o intuito de evidenciar o tratamento dado, por Gilberto Freyre, às mulheres negras, índias e brancas, no processo de construção das identidades femininas e suas contribuições dentro de um referencial identitário da sociedade brasileira. Pimenta apresenta uma resenha do livro *Gênero, Patriarcado, Violência*, de Heleieth Saffioti, este concebido como uma espécie de “manual didático” sobre as temáticas feministas e conceitos como gênero, poder e raça.

Virgínia Junqueira buscou compreender a formação de identidade dos artistas brasilienses da década de 1980, por meio do estudo do “Grupo Cabeças”, sob cuja influência surgiram conhecidas bandas brasilienses como Capital Inicial, Legião Urbana e Plebe Rude. Partindo do esforço do grupo para mudar as representações de “cidade fria”, “voltada só para política” e de “vazio cultural”, a autora analisa os jornais do período, apresentando as discussões em torno da política e identidade culturais de Brasília.

Conforme se pode observar, a Revista *Tempo de Histórias* prima pelo seu caráter plural e convida os leitores a apreciarem os artigos ora publicados nessa edição de número 10. Boa leitura!

Conselho Editorial